

Deficiência em Portugal

LUGARES, CORPOS E LUTAS

Fernando Fontes
Bruno Sena Martins
ORG.

iu

Coleção **CES / 2**

U|U

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

Email: imprensa@uc.pt

URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc

Vendas online: <https://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria João Padez

DESIGN

Pedro Matias

REVISÃO

Victor Ferreira, Ana Sofia Veloso, Joaquim Veríssimo

EXECUÇÃO GRÁFICA

KDP

ISBN

978-989-26-2423-5

eISBN

978-989-26-2424-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2424-2>

FINANCIAMENTO

Este livro resulta do projeto DECIDE — Deficiência e auto-determinação: o desafio da “vida independente” em Portugal, cofinanciado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia através de fundos nacionais, e por Fundos Europeus no âmbito do FEDER — Programa COMPETE 2020 (ref.ª: PTDC/IVC-SOC/6484/2014 — POCI-01-0145-FEDER-016803).

Trabalho publicado ao abrigo da Licença

This work is licensed under



Creative Commons CC-BY-NC-ND 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Deficiência em Portugal

LUGARES, CORPOS E LUTAS

Disability in Portugal

SPACES, BODIES, AND STRUGGLES

Fernando Fontes

Bruno Sena Martins

ORG.



(Página deixada propositadamente em branco.)

SUMÁRIO

Introdução

**Uma década de mudança: experiências,
lutas e políticas de deficiência em Portugal.....9**

Fernando Fontes, Bruno Sena Martins

Capítulo 1

**Deficiência e Vida Independente em Portugal:
a experiência do projeto-piloto de Lisboa 19**

Fernando Fontes, Adriano Moura, Bruno Sena Martins,

Joana Alves, Mónica Lopes, Paula Campos Pinto, Sílvia Portugal

Capítulo 2

**O paradoxo da medicalização da deficiência
em Portugal.....57**

Sílvia Portugal, Joana Alves, Fernando Fontes

Capítulo 3

**Reabilitação e reintegração de pessoas com deficiências
e incapacidades adquiridas: um desafio para Portugal 83**

Jerónimo Sousa, Andreia Mota

Capítulo 4

**A experiência da doença crónica no contexto
da deficiência em Portugal..... 111**

Ana Bê

Capítulo 5

**Das margens para o centro: a vez e a voz
das mulheres com deficiência139**

Paula Campos Pinto, Teresa Janela Pinto

Capítulo 6

**A exclusão abissal das pessoas com Síndrome
de Down em Portugal161**

Marina Faria

Capítulo 7

**A reconfiguração da cegueira no contexto museológico:
pelo acesso às artes visuais.....189**

Patrícia Roque Martins

Capítulo 8

A gaguez como dificuldade de inscrição no mundo209

Daniel Neves da Costa

Colaboraram nesta obra..... 233

A GAGUEZ COMO DIFICULDADE DE INSCRIÇÃO NO MUNDO

STUTTERING AS A DIFFICULTY OF INSCRIPTION IN THE WORLD

Daniel Neves da Costa

Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra

<https://orcid.org/0000-0002-4055-8741>

danielneves@ces.uc.pt

RESUMO

O objetivo neste capítulo não é mostrar experiências de discriminação na gaguez para dar conta das estruturas de opressão social, mas, sim, dar conta da experiência da gaguez pelas pessoas em Portugal e da gestão da sua ocultação no seu quotidiano comunicativo. Irá analisar-se como a gestão social de uma identidade – em perigo devido à constante busca da ocultação da gaguez perante uma estrutura normativa da fala que define quem gagueja como malfalante – é incorporada na pessoa e no seu projeto de vida, criando uma dificuldade de inscrição da pessoa no mundo social e um sentimento de angústia e sofrimento existencial. Através de relatos e testemunhos cedidos em entrevistas e recolhidos em fóruns *online*, produziu-se uma cartografia da gaguez enquanto território experiencial e existencial.

PALAVRAS-CHAVE

Gaguez; Estigma social; Identidade; Interacionismo-simbólico.

ABSTRACT

The objective of this chapter is not to discuss experiences of discrimination in stuttering in order to account for structures of social oppression, but to account for the experience of stuttering and management of its concealment in everyday communication by people in Portugal. It will be analyzed how the social management of an identity – endangered by the constant need for concealment of stuttering due to a normative social structure that defines stutterers as bad speakers – is incorporated by the person and in her life project, generating a difficulty for the person's inscription in the social world and a feeling of anguish and existential suffering. Based on stories and statements collected through interviews and online forums, this chapter offers a cartography of stuttering as an experiential and existential territory.

KEYWORDS

Stuttering; Social stigma; Identity; Symbolic-interactionism.

INTRODUÇÃO

Quando se fala em gaguez a tendência é a de pensar na sua dimensão mais visível: as repetições, prolongamentos e bloqueios frequentes e involuntários de sons, sílabas e palavras no discurso, por vezes acompanhados por comportamentos secundários de tensão muscular e movimentos de fuga ou antecipação que dificultam a fala da pessoa. De forma enganadora, tende-se a tomar esta componente visível como constituindo o fenómeno em si. A comunidade científica não foi exceção, tendo durante parte do século XX privilegiado, na sua atenção ao fenómeno da gaguez, a avaliação e intervenção na dimensão visível da fala, não dando conta da totalidade de um fenómeno complexo.

Outra compreensão surgiu com a perceção da componente não visível para o interlocutor, mas com forte impacto para a pessoa com gaguez. A analogia do *iceberg* (Sheehan, 1953) permitiu analisar a gaguez para lá da fala, ajudando a desvelar sintomas e comportamentos de cariz psicossocial e cognitivo-comportamental, dando conta das perceções, sentimentos e atitudes da Pessoa com Gaguez e dos fatores contextuais e sociocomunicativos que interferem na gaguez (Boyle, 2013). Isto permitiu dar conta de uma causalidade multifatorial comportando dimensões genéticas, neurobiológicas e psicossociais que interferem na expressão da gaguez na pessoa e que teria reflexo numa sintomatologia complexa, abarcando uma miríade de sintomas, alguns visíveis e outros invisíveis, ao nível fisiológico, psicossocial e cognitivo-comportamental (Perkins, 1990; Jackson *et al.*, 2012). Foi assim possível compreender a complexidade da experiência da gaguez e como esta pode conduzir a uma gradual limitação da capacidade das pessoas participarem em tarefas quotidianas, com significativos impactos negativos no seu bem-estar e qualidade de vida (Yaruss e Quesal, 2004).

A conjugação de dimensões visíveis e invisíveis ajudaria a explicar parte da dificuldade sentida em aceder à experiência incorporada da gaguez. Primeiro, devido à dificuldade em falar que a própria gaguez comporta, segundo, por poder ser em si mesma de difícil expressão, de nomeação difusa, pela dificuldade em lhe atribuir sentido outro que não vinculado ao sofrimento e que, desse modo, se evita expressar.

Não apenas a gaguez, mas o que significa gaguejar e ser-se Pessoa com Gaguez constituíam-se como indeterminações problemáticas.

Primeiro, deveria ter-se consciência do quão diversa a experiência da gaguez pode ser, podendo variar significativamente de pessoa para pessoa, tendo em conta a diversidade de sintomas existentes e o modo idiossincrático como se combinam em cada uma delas. A sustentar esta ideia, uma frase comum na comunidade afirma “*existirem tantas gaguezes quanto gagos*”. Segundo, a experiência da gaguez pela pessoa e o impacto dessa experiência na sua constituição identitária não é imutável, mas resulta de um processo relacional, narrativo e de cariz biográfico em permanente reconfiguração (Barnes e Mercer, 2010). Esta dimensão relacional e situada deve ser tida em conta na recolha de relatos da experiência da gaguez. Assim, e com o intuito de dar conta do que significa ser-se gago, pessoa com gaguez e da sua experiência quotidiana e muitas vezes invisível, de como interfere no seu dia a dia e no seu projeto de vida, iniciou-se uma indagação que permitiu produzir uma cartografia da gaguez enquanto território experiencial e existencial. Recorreu-se a uma seleção de relatos e testemunhos cedidos gentilmente em entrevistas e recolhidos em debates mantidos em fóruns *online*.

O objetivo neste capítulo não é mostrar experiências de discriminação na gaguez para assim dar conta das estruturas de opressão social, mas, sim, dar conta da experiência quotidiana da gaguez pelas pessoas em Portugal, e da gestão da sua ocultação no seu quotidiano comunicativo. Assim, será relatada a experiência da opressão social na gaguez na busca constante e obsessiva da sua ocultação, por parte da pessoa, pelo receio da desacreditação. Não serão relatadas experiências de discriminação social no acesso ao mercado laboral ou em contexto escolar (Logan e O'Connor, 2012), mas da gestão “gagocêntrica” da identidade social das pessoas como forma de evitar a sua desacreditação e discriminação social resultante da construção social da gaguez enquanto fala “problemática”, errada e incorreta. Irá analisar-se a forma como a gestão social de uma identidade – em perigo devido à constante busca da ocultação da gaguez perante uma estrutura normativa da fala que define quem gagueja como malfalante – é incorporada na pessoa e no seu projeto de vida, criando uma dificuldade de inscrição da pessoa no mundo social e um sentimento de angústia e sofrimento existencial.

1. DO DESAMPARO À TIRANIA NA GAGUEZ

Uma primeira seleção de relatos e testemunhos permitirá aceder à experiência da gaguez nas pessoas:

[A gaguez] era um problema que eu vivia sozinho, eu fazia essa caminhada, vivia e sentia essa angústia em silêncio. (Gustavo Praça, entrevista)

Sou gago desde que me conheço como gente. Tenho história familiar, a minha mãe também gagueja e nunca se falou muito do assunto em casa. Desde pequeno tenho memórias de colegas a gozarem comigo pela gaguez, nos recreios e em plena aula. A professora primária forçava-me a ler, e sempre que lia ouvia risos, comentários e ficava nervoso ao ponto de chorar. Ao longo do tempo passou para a autoestima. (Carlos Antunes, fórum *online*)

Desamparado em casa, na escola e na rua na relação com a minha gaguez, cresci sem saber o que fazer com ela e comigo. Esta circunstância marcou muitas decisões importantes que tive de tomar, e outras que nunca se concretizaram. Esta tirania *karmica* gerou uma castração. A castração, um sufoco. O sufoco, um vazio. O vazio, um delírio. Um dia percebi que era uma pessoa igual às outras, mas que, se na verdade o era, então algo não estava bem. Transformara-me num manto de suavidade que cobria um monstro pandoriano! Percebi que me considerava incompreendido [e] injustiçado, mas [era] tão inoperante quanto fantasioso e sobreidealista. (Alberto Costa, fórum *online*)

Através destes excertos acede-se à gaguez como experiência holística, não apenas biofisiológica, mas também psicossocial, envolvendo o contexto sociocomunicativo, e que é enquadrada pelas pessoas na sua história de vida e narrativa autobiográfica. A gaguez apresenta-se como experiência problemática e perturbante, vivida pelas pessoas ao longo

das suas vidas, presente no processo de produção de sentido de si no mundo. No primeiro excerto, a metáfora da “caminhada” solitária remete para uma vivência da gaguez desprovida de companhia, tanto de quem partilhe do problema como de quem o possa compreender, uma “angústia” vivida e sentida “em silêncio” onde, como se irá aprofundar, a angústia e o silêncio se revelam como experiências opressoras que tomam conta da pessoa e da sua vida.

Seguem-se os seus indícios na referência à não discussão da gaguez no espaço doméstico e familiar, numa situação onde outro membro do agregado familiar também gagueja – algo que ocorre com frequência devido à dimensão genética e hereditária da gaguez. A criação da gaguez enquanto tópico tabu na família constitui a designada “conspiração do silêncio”, onde o silêncio da família face à gaguez da criança – motivada, não poucas vezes, pela bem-intencionada ideia de não transmitir à criança a noção de que a sua fala é um problema – produz um conjunto de efeitos negativos não desejados (Botterill, 2011). Este silêncio, e a consequente não criação de um sentido “normalizado” para a gaguez da criança, não conduziria tanto a uma ausência de sentido, mas antes, devido a essa ausência de construção, ao desenvolvimento de um sentido depreciado da gaguez e estigmatizado do ser-se pessoa com gaguez. Estas derivariam do acumular de experiências negativas e reações desajustadas de vários interlocutores, como demonstram as referências a professores que obrigam crianças com gaguez a ler, ou menções à reação das restantes crianças durante a infância. Estas são referências comuns em relatos de jovens e adultos com gaguez, surgindo também enquanto preocupação de pais e mães de crianças com gaguez devido ao peso da avaliação através da leitura nas disciplinas de línguas introduzido pelo Decreto-Lei n.º 139/2012.

O último excerto testemunha como o silêncio e a ausência de discussão da gaguez, tanto no contexto familiar como na escola e no espaço público, criou um “desamparo” que abriu o caminho para o desenvolvimento de uma experiência problemática da gaguez na idade juvenil e adulta, criando as condições para a formação de indivíduos que crescem, como referido no excerto, “sem saber o que fazer dela nem de si” enquanto pessoas com gaguez. Acompanhando os termos do testemunho, o “desamparo”

face à gaguez conduziu à “tirania” de um problema que, por não poder ser resolvido adequadamente devido à ausência de estratégias que permitam à pessoa sobre ele atuar – por se lhe apresentar desprovido de um sentido através do qual esta se possa construir e projetar no mundo social de forma emancipada – a verga e se impõe sobre ela de forma tirânica e opressiva. A adjectivação “*karmica*” revela a subjugação face a um problema perante o qual a pessoa se sente impotente. A gaguez emerge como problemática não tanto pelos seus sintomas fisiológicos, mas pela não determinação de estratégias que a integrem no quotidiano comunicativo das pessoas, pela não construção de um sentido que a integre de forma normalizada na sua subjetividade e identidade. Esta indeterminação tirânica cria-lhe uma sensação de “castração”, pois dela se emerge destituído de capacidades de resposta, mas igualmente uma sensação de “castração” na realização da identidade e do projeto de vida, conduzindo o indivíduo a um “sufoco”, à experiência da não-realização enquanto pessoa situada no mundo social, que se traduz na vivência de um “vazio” existencial.

É relevante explorar a relação entre a experiência pela pessoa deste vazio existencial, a percepção de parte de si enquanto “delírio”, e a angústia daí resultante, uma angústia existencial motivada pela gaguez. Para tal, sugere-se que a vivência deste vazio existencial, ao combinar-se com a percepção consciente pela pessoa do acumular de possibilidades de Ser não concretizadas, enquanto *devir* pressentido mas nunca realizado, conduz à percepção de si próprio como “delírio”, enquanto projeção ficcional, “real em potência”, enquanto possibilidade que nunca se cumpre. A gaguez surge como entidade presente em “decisões que nunca se concretizaram”, vinculando a pessoa a um não realizar no mundo que sente como amputação.

Em *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*, Goffman (1993 [1959]) usa a metáfora dramática para sustentar como o *Self* emerge do desempenho, pelo indivíduo, dos seus diferentes papéis sociais. O *Self*, a subjetividade, é o efeito desses desempenhos e não a sua causa, é o resultado da interação do indivíduo com vários interlocutores e audiências no quadro de situações comunicativas e sociais concretas em que desempenha distintos papéis sociais. A subjetividade constitui-se não como

uma entidade ou essência imutável do indivíduo, mas enquanto resultado sempre em mutação dos processos intersubjetivos de relacionamento entre os indivíduos no seu envolvimento com o mundo. Em Goffman, a subjetividade nasce, por um lado, da tensão entre o indivíduo-ator, as suas expectativas face aos seus desempenhos nos diferentes papéis que lhe são atribuídos e, por outro, da sua efetiva adequação aos papéis através da competência dos desempenhos. O *Self* emerge na gestão dos distintos papéis no quotidiano, gerindo potenciais momentos disruptivos que possam ameaçar a definição da situação e os seus desempenhos. A distinção entre “ator” e “papel social” na proposta dramaturgica de Goffman para a realização do *Self* é relevante ao permitir ponderar como a pessoa enquanto indivíduo-ator gere e assimila as dificuldades nos desempenhos dos seus papéis sociais. Em especial, é de destacar o modo como a subjetividade da pessoa com gaguez se constitui na gestão desses desempenhos e pelas dificuldades que a gaguez implica para a sua realização.

No terceiro excerto citado, a gaguez é nomeada tendo em conta os efeitos que causa: uma sensação de castração que alimenta um sentimento de frustração com origem no desajuste das expectativas do indivíduo-ator face aos seus desempenhos no palco do social. A pessoa olha para si como incapaz de realizar o conjunto dos papéis sociais que lhe estariam atribuídos e que deveria com facilidade realizar. A frustração resultaria da incongruência entre a perceção de si em potência, as expectativas face ao desempenho dos distintos papéis pelos quais se deveria inscrever no social enquanto projeto e devir existencial, e a sua realização prática no mundo social, na soma dos distintos desempenhos pelos quais deveria emergir um *Self* estável e uma identidade social coerente, mas que ficam sistematicamente aquém das suas expectativas, que são assim defraudadas.

A perceção pela pessoa de parte de Si como projeto existencial e identitário gorado acaba por constituir um “monstro pandoriano”, uma tensão não resolvida na pessoa, invisível aos demais, encoberta por um “manto de tranquilidade”. Analise-se a referência ao imaginário de Pandora. Por um lado, remete para a curiosidade no desvendar de um tesouro que, encerrado numa caixa, quando aberta, libertaria no mundo

toda uma miríade de possibilidades. Neste caso, uma miríade de personagens, papéis sociais e *Selves* que ficam por concretizar, amontoados dentro do sujeito, em tensão por não serem realizados, por não serem “libertados” no mundo, não se libertando a si, enquanto pessoa, acumulando possibilidades de Ser que nunca se realizam, adiadas: um ator que coleciona uma panóplia de papéis que não representou. E, por outro lado, a referência a Pandora enquanto libertação das pragas e guerras no mundo sugere um receio de desvendar algo que se teme que, depois de libertado, não possa ser controlado, mostrando algo que não se desejava revelar e se procurava na verdade manter oculto, neste caso, a própria gaguez. Surge aqui um indício da gaguez enquanto estigma, enquanto característica que se quer manter invisível na relação com os demais.

Esta frustração reforçaria uma autoimagem negativa da pessoa com gaguez, que duvida de si e das suas efetivas capacidades de inscrição no mundo social devido à imagem que de si construiu. O modo como a pessoa se coloca em causa a si própria é um aspeto central na constituição de uma identidade estigmatizada. No excerto, o sujeito define-se enquanto alguém “inoperante” por não conseguir desempenhar os seus papéis, “fantasioso” e “sobreidealista”, talvez por pensar que os conseguiria desempenhar ou por se deter a imaginar a desempenhar papéis que nunca seria capaz de realizar. A conclusão a que chega é a de que se considerava vítima de uma incompreensão e injustiça, quando na verdade era “uma pessoa igual às outras”. A dificuldade no desempenho dos seus distintos papéis sociais leva a pessoa a colocar-se a si própria em causa, motivada por esta autoperceção da incongruência entre expectado e realizado, levando-a a concluir que se sobreavaliava e que esperava demasiado para o que na verdade poderia ser e fazer. Retoma-se a perceção de si enquanto *delírio*.

2. A CONSTITUIÇÃO DO ESTIGMA NA GAGUEZ

A pessoa sente-se posta em causa, pois enquanto individuo-ator sente que devido à gaguez há o risco permanente de ser incapaz de realizar os distintos papéis sociais a que deveria dar resposta. Sente-se em risco de uma constante e iminente descreditação social (Goffman, 1975), primeiro, por gaguejar e, segundo, por poder vir a não ser capaz de manter a

realização dos papéis sociais que deveria desempenhar. A realização da sua subjetividade parece comprometida, incompleta, em risco. A pessoa emerge como incapaz de se colocar de forma credível nos palcos onde circula e de se inscrever no mundo social, não apenas em desempenhos pontuais ou num papel social concreto, mas numa sucessão de contextos que abarcam vários dos papéis sociais que lhe são atribuídos e que definem a sua identidade social em toda a sua multiplicidade.

Para aprofundar esta experiência da gaguez, é essencial aceder ao momento preciso do gaguejar na pessoa, a experiência incorporada, corpórea e física, mas simultaneamente psicológica e emocional, situada no momento exato da expressão oral em que a gaguez se manifesta num contexto sociocomunicativo concreto:

parece que existe um nó na garganta que não deixa o ar passar, é como se tudo se fechasse, então existe uma paragem naquele momento, e acontece aquilo que nenhum de nós gosta que aconteça, naquele momento parece que tudo cai à nossa volta, e sinto-me incapaz de prosseguir, porque mais uma vez falhei, a sensação é de desespero, de angustia, de tristeza, porque eu não tenho nada na minha garganta, visível, que me impeça de falar, a autoestima desce até ao zero, incapaz de fazer aquilo que para muitos é tão normal e que para mim é uma luta que parece não ter fim. (Pedro Serra, fórum *online*)

O momento de gaguez é o da quebra no fio condutor da oralidade pela qual a pessoa se deveria realizar em diálogo, da perda de controlo sobre a *praxis* comunicativa pela qual se realiza no mundo, sobre o seu desempenho do *Self* na situação social. A gaguez é o momento em que o sujeito sente que falhou não apenas no ato da fala, mas na sua realização como pessoa situada no mundo através da sua relação com os outros. Naquele momento, tudo cai à sua volta, não sendo apenas a fala que é bloqueada, mas todo o momento social e comunicativo que sofre uma paragem abrupta, caindo o pano sobre a cena e sobre a pessoa, sobre quem se precipita a experiência anuladora. O momento de gaguez é um momento de interrupção na sua realização pelo diálogo com os outros,

uma quebra no desempenho do seu papel, não conseguindo manter a definição da situação e perdendo o controlo sobre ela. Não é apenas o discurso que é interrompido, mas o processo de subjetivação e, desse modo, é a própria pessoa, no seu desempenho identitário, que fica comprometida. Ao reler o excerto, constata-se que, associados à experiência da gaguez, surgem sentimentos como “desespero”, “angústia” ou “tristeza”. O momento de gaguez é descrito como um momento de destituição da pessoa da sua capacidade de se situar no mundo, destituída que fica da sua capacidade de fazer aquilo que a torna humana entre humanos, um ser social, e de se realizar como tal no mundo social que habita.

Uma outra questão ressalta deste testemunho. A não compreensão do porquê da gaguez adensa os sentimentos de angústia, pois retira-lhe a possibilidade da sua explicação, permanecendo enquanto problema indeterminado que se abate sobre a pessoa sem que esta lhe consiga responder ou fazer frente. Parafraseando o relato: a pessoa não tem nada visível na garganta que a impeça de falar. Retomando a noção da pessoa “desamparada” face a um problema que a própria não compreende mas que a domina, onde a referência à gaguez enquanto “tirania *karmica*” revelava a dimensão do desamparo, indiciando uma assimetria de forças face ao problema e a fragilidade e impotência sentidas.

Por outro lado, a não existência de uma explicação que justifique o problema, que o ordene e o torne apreensível de forma normalizada no quadro de uma situação de interação, parece deixar nos ombros da Pessoa que Gagueja a total responsabilidade da sua ocorrência e da sua hipotética resolução. Retomando a metáfora dramatúrgica, imagine-se uma peça de teatro onde um elemento estranho invade a cena e entra no palco sem aviso, sobrepondo-se à performance, confundindo não apenas indivíduo-ator mas os restantes atores e o público, perplexos e apanhados desprevenidos. Como deverão agir? O ator entra em pânico, «tudo cai à [sua] volta» e sente-se «incapaz de prosseguir» o desempenho do seu papel. Uns e outros estão confusos. No entanto, foi o ator quem transportou aquele elemento para a situação, e é sobre ele que recai a responsabilidade de o enquadrar na situação, ao mesmo tempo que deve manter quer a situação, quer o seu desempenho nela. Não é apenas o desempenho do seu papel que está em causa, mas a definição de toda a

situação de interação comunicativa. A gaguez incapacita, assim, a pessoa no controlo de ambas, não conseguindo manter o seu desempenho, nem enquadrar para a audiência o corpo estranho no quadro comunicativo, permanecendo uma situação tomada de assalto por algo imprevisto, indeterminada e sem explicação ou solução aparente.

O “pânico” vivido pela pessoa é em si revelador do “desamparo” na gaguez, sem estratégias para a enquadrar em si e na situação comunicativa quando esta surge, sem meios para a resolver de fora normalizada. É durante a *praxis* comunicativa que a gaguez se impõe como característica ou atributo diferenciador e estigmatizador da pessoa. O desespero será tanto maior quanto maior for a perceção da normalidade com que o ato sociocomunicativo se apresenta para os demais: A «autoestima desce até ao zero, incapaz de fazer aquilo que para muitos é tão normal, e para mim é uma luta que parece não ter fim» (Pedro Serra). É na comparação que emerge o estigma na gaguez, enquanto atributo que desqualifica e desacredita a pessoa, constituindo-a menos capaz do que as demais. Como destaca Goffman, o estigma não reside no atributo em si, mas na linguagem de relações entre os que possuem o atributo e os que não o possuem, e entre o atributo e o estereótipo que se cria sobre a sua posse. Goffman define dois tipos de estigma. Primeiro, um estigma desacreditado, em que o ator assume o domínio público do seu estigma, por ser visível ou de conhecimento prévio da audiência. A sua identidade social surge à partida desacreditada pela posse do estigma. E, segundo, um estigma desacreditável, em que a característica diferenciadora não é visível nem do conhecimento da audiência, e em que a identidade do ator pode ser desacreditada se revelada a característica, vivendo no eminente perigo da desacreditação. Para quem se encontra na condição de desacreditado, o problema reside na gestão das tensões que resultam da perceção da sua condição diferenciadora. Para alguém na condição de desacreditável, a questão que se coloca é a do controlo da informação e da gestão dos seus desempenhos, para manter invisível para a audiência a sua característica estigmatizada.

O momento de gaguez representa para a pessoa o instante da sua desacreditação. A pessoa constitui-se para si enquanto inábil em se realizar em diálogo com os demais, em entrar e manter uma interação comunicativa

de forma adequada e em desempenhar o papel social que lhe estava adstrito. Não apenas no desempenho dum papel social concreto, mas disseminado por vários desempenhos, pondo em causa a capacidade da pessoa, enquanto indivíduo-ator, de participar de forma adequada nos diversos palcos sociais por onde transita, de ganhar existência ontológica concreta, com uma identidade múltipla e multifacetada inscrita no mundo. A pessoa surge como amputada na sua capacidade de *performar* a sua identidade social, sente-se inábil para fazer algo “normal” e, por comparação, inferior e menos que os demais. Vê-se aqui como o momento de desacreditação que a pessoa experiencia nos episódios de gaguez é transformado num confirmar constante da sua condição de desacreditado (Goffman, 1975). E daqui se compreende a luta sem fim a que a pessoa citada se refere.

Relata-se o gradual emergir da narrativa de um estigma. Para o compreender na totalidade, deve dar-se conta das estratégias que, no seu desamparo, as pessoas desenvolvem e mobilizam para fazer face à sua gaguez. Quais as estratégias que mobilizam e quais os efeitos dessas estratégias?

Sempre vi [a gaguez] como uma grande limitação, toda a vida travei e continuo a travar uma luta atroz contra ela no sentido de tentar ter sempre uma fluência do discurso, ser o mais fluente possível, com menos bloqueios possíveis. E essa é uma luta permanente porque cada frase, cada palavra, cada conversa, cada telefonema são um desafio e nesse sentido é uma luta permanente, a nível físico e a nível psicológico. (Gustavo Praça, entrevista)

A prática comunicativa e a realização através do diálogo surgem como uma “luta atroz” e “permanente” com o objetivo de eliminar o descontrolo, controlar o discurso em cada frase e palavra, em todas as situações comunicativas, na ânsia de eliminar a falha e atingir uma fluência que permita a realização da pessoa enquanto ator competente. Se a gaguez se revela desacreditadora da pessoa, a estratégia que parece colocar-se é a da sua eliminação de cena, a sua erradicação do discurso, buscando «ser o mais fluente possível». A fala, que deveria constituir-se espontaneamente,

parece configurar-se um campo de batalha permanente pelas e com as palavras, sujeitas a um policiamento obsessivo. Cada interação socio-comunicativa passa a ser alvo de um escrutínio rigoroso com o objetivo de eliminar todo e qualquer episódio de gaguez. A pessoa assume uma vigilância total sobre as palavras e a comunicação, lutando com a gaguez. Este estado de vigilância policial, ao focar-se obsessivamente sobre a fala, acabará por envolver a vigilância e controlo dos mecanismos fisiológicos de produção da fala no corpo:

derramando-se pela minha boca, pelos músculos do meu rosto, do pescoço, amarrando as palavras, agrilhoando-as e, através delas, agrilhoando-me a mim, tolhendo os músculos, os lábios, a língua, a voz. A gaguez [...] era a tensão dos músculos antes da palavra, durante a palavra e na ausência dela, era o suor e a exaustão física das apresentações orais nas aulas, nos seminários e conferências. A gaguez era toda essa tensão, era, acima de tudo, o que ficava por dizer, o que se calava em mim por medo do erro, da falha, do riso alheio, do olhar de censura... (João Santos, Fórum)

As interações sociocomunicativas tornam-se momentos de desconforto e tensão física e psicológica, de aprisionamento da pessoa, “agrilhada” e “amarrada”, não apenas pela gaguez, mas igualmente pela sua resposta a ela, num policiamento obsessivo que lhe elimina espontaneidade. Associada à gaguez surge a tensão muscular e a confrontação física com o próprio corpo, que se revela tolhido, amarrado, levando a pessoa à “exaustão física”. O momento de diálogo transforma-se num confronto com as limitações impostas pela gaguez, uma entidade que lhe restringe e limita a capacidade de falar e situar-se perante os demais. Wittgenstein ganha aqui relevância: «As fronteiras da minha linguagem significam as fronteiras do meu mundo» (2015 [1922]: 114). E as fronteiras residem não apenas nas possibilidades da linguagem em si, nomeadora e criadora de mundo e da pessoa nele situada, mas também na capacidade do corpo de fazer uso dessa mesma linguagem e, através das palavras, na capacidade da pessoa se dotar de sentido e se inscrever no mundo pelo

diálogo dos seres humanos entre si. É através da fala e da conversação cotidiana com os outros que a pessoa exprime os seus sentimentos, ideias, ambições e, em última instância, a si mesma, situada no mundo através da relação com os demais.

Discuta-se a gaguez enquanto dificuldade física e incorporada da expressão das próprias palavras, do produzi-las através da fala. Esta ganha uma enorme importância nas demonstrações mais graves de gaguez, com uma acrescida dificuldade física sentida pela pessoa em dizer as próprias palavras e/ou com uma multiplicação de comportamentos secundários físicos associados, que toldam os movimentos da pessoa e criam ruído à interação comunicativa. Não se trata apenas de perder o controlo da palavra, o controlo na definição da situação de interação e da capacidade da pessoa para se realizar em situação. Nas formas mais graves de gaguez, ocorre igualmente uma perda de controlo do próprio corpo, manietado por movimentos não desejados. Como tal, todo o equipamento expressivo usualmente mobilizado para sustentar o desempenho de um papel social e manter a definição da situação sociocomunicativa surge posto em causa (Goffman, 1993 [1959]). A palavra é arrancada a suor do torpor de um corpo que não responde ao sujeito e com o qual este trava uma luta para domar, desgobernado em movimentos que lhe criam ruído interativo. O pronunciamento de cada palavra é uma fronteira, um limite da pessoa em se constituir humano no mundo social. É-se levado a recordar a escultura “O Filósofo Gago” de Stanislav Szukalski, que apresenta um corpo desproporcional com músculos tensos e inflamados numa deformação causada pelo esforço de nomear o mundo pela palavra e, talvez mais importante, de situar a pessoa no mundo pela palavra.

É, no entanto, na última frase do excerto que a experiência da gaguez enquanto estigma se revela. A derradeira fronteira que nesta luta se define será a da própria pessoa existir de forma digna apesar de se sentir desacreditada socialmente, apesar do estigma que sobre ela paira, apesar do receio do “riso alheio”, do “medo do erro e da falha”, apesar da autoperceção negativa e depreciada que de si construiu. A gaguez, a entidade contra a qual em tensão se luta, emerge no estigma social que faz com que a pessoa se remeta ao silêncio para encobrir a marca diferenciadora, pelo receio da sua exposição a situações de desacreditação pública e do

“olhar de censura”. Esta é uma luta pela sua inscrição no mundo social, contra o seu silenciamento no mundo e que se revela também autoimposto pela pessoa e castrador da sua própria humanidade.

[Há] vários momentos do dia a dia em que eu deixo de falar porque sei que vou gaguejar, em que eu deixo de dizer uma piada porque eu sei que vou falhar, em que eu deixo de perguntar alguma coisa porque temo que vá gaguejar ou em que eu evito ter uma conversa porque estou cansado e sei que vou gaguejar. [...]. Porque há processos que nós já interiorizámos, é uma vida toda a usar este tipo de subterfúgios para nos escondermos em falsas zonas de conforto. Elas também nos fazem revoltar connosco próprios e trazem-nos desconforto e sofrimento porque, de cada vez que caímos nessas falsas zonas de conforto, nós percebemos que mais uma vez fugimos, não enfrentámos, nos anulámos. (Gustavo Praça, entrevista)

A gaguez andava a tomar conta de mim. Antes de falar com alguém pensava muito bem no que ia dizer, como ia dizer, e esforçava-me ao máximo para que os outros não notassem a minha dificuldade. Muitas vezes, quando tinha alguma coisa para dizer, evitava falar, pois sabia que iria gaguejar. Tudo isso criava em mim um sentimento de impotência, mal-estar e revolta, que levava a que eu evitasse o contacto com outras pessoas. Pouco a pouco [...] fui-me fechando cada vez mais. (Filipe Andrade, fórum *online*)

Com esta nova sequência de excertos, encerra-se um círculo de aprisionamento que se autorreforça. O momento de gaguez, a experiência física e psicológica da dificuldade do indivíduo-ator se colocar em diálogo e manter os seus desempenhos sociais. O pôr em causa do sujeito enquanto ator social competente. A perceção da diferença desqualificante e o medo da desacreditação. As estratégias para controlar a gaguez, para gerir a dificuldade e os desempenhos sociais. O policiamento obsessivo da palavra que reforça o problema. O encobrimento da gaguez por medo

da desacreditação e o gradual invisibilizar da pessoa. E, finalmente, a desistência da pessoa. Primeiro, ao evitar situações de interação sociocomunicativa por receio e vergonha do gaguejar, ao reduzir os seus desempenhos sociais ao mínimo, pondo em causa a sua realização no mundo social. Depois, ao remeter-se ao silêncio para não se sujeitar à decepção de não conseguir realizar o seu papel social, ao recusar os papéis sociais que lhe estavam atribuídos não entrando em cena. O medo da desacreditação que leva à anulação identitária no momento em que se autoexclui e não se inscreve no mundo social. Este é o momento do encerrar do círculo do estigma, com a interiorização da diferença desqualificante: o medo da desacreditação que cria o desacreditado.

O receio de gaguejar e a estratégia de encobrimento da gaguez acabam por alimentar sentimentos de «impotência, mal-estar e revolta» pela consciência que a pessoa desenvolve da sua não-realização identitária, da sua incompletude resultante da sua omissão no mundo, do recuo consciente face às suas possibilidades de Ser. A criação de «falsas zonas de conforto» nas quais as pessoas com gaguez se sentem num primeiro momento seguras mas que acabam por se revelar uma armadilha que as “anula”. Esta perceção gera uma “revolta”, pois há a consciência de que este recuar resulta de uma opção da pessoa que sucumbe ao receio e “foge” ao diálogo, à interação social e ao desempenho dos seus papéis sociais. Um ator com medo de palco que não consegue entrar em cena. Os sentimentos de “revolta”, de “desconforto”, encurralam a pessoa com gaguez e geram “sofrimento” e uma espiral de baixa autoestima e o seu crescente isolamento, «fechando[-se] cada vez mais». A pessoa sucumbe num processo em que se sente culpada por gaguejar, culpada por não conseguir deixar de gaguejar, culpada por fugir aos seus desempenhos sociais, culpada por não saber gerir a dificuldade, culpada, enfim.

3. A NARRATIVA GAGOCÊNTRICA

Assiste-se ao desenvolvimento de uma vivência “gagocêntrica” (Costa, 2017) que deve ser aqui problematizada. Esta noção, foi desenvolvida dentro da própria comunidade de pessoas com gaguez numa reflexão coletiva sobre a sua própria experiência para designar uma perspetiva da comunicação e da pessoa centrada na gaguez, na qual todas as ações,

decisões e escolhas que a pessoa toma na sua vida e no seu quotidiano são tomadas em função dela, assumindo uma presença constante e totalitária na consciência e vida da pessoa, ofuscando todas as restantes dimensões da pessoa. Uma vivência da gaguez nestes moldes nega a possibilidade de o indivíduo poder pensar-se enquanto pessoa situada no mundo para lá da sua dificuldade, de delinear um projeto de vida sem a equacionar como relevante ou decisiva, ou ainda de tomar quaisquer decisões, por mais insignificante que possam parecer, no decorrer do seu quotidiano sem a considerar como fator de ponderação. Esta centralidade da gaguez na consciência da pessoa e no modo como esta se situa e se realiza no mundo é reveladora do peso que a gaguez pode ter nas biografias e vivências das pessoas com gaguez, constituindo-se como fonte de sofrimento, enquanto força gravitacional que oprime a pessoa e a subjuga a uma existência menor.

Como forma de melhor apreender o peso da gaguez na vida das pessoas e como as suas narrativas revelam vivências de opressão social em que a experiência da gaguez demonstra uma dificuldade de inscrição identitária no social, será essencial regressar a uma perspetiva biográfica. É recorrente nos testemunhos da gaguez o destaque de experiências vividas em contexto escolar e profissional, onde há uma avaliação de competências e um julgamento de pares que são relevantes para a biografia e a trajetória identitária das pessoas.

Cheguei à faculdade [...] com a ideia que não conseguia falar em público. Todos achavam estranho como falava quase fluentemente fora da sala de aula e dentro não dizia uma palavra sem demorar 10 segundos para começar. Lembro-me de apenas ter apresentado 2 trabalhos no curso inteiro, porque entrava em total pânico quando chegava a minha vez de falar, mesmo conhecendo as pessoas e elas a mim, continuavam os risos, as bocas, etc., de tal forma que os suores frios, os tremores e a ansiedade extrema não permitiam que eu dissesse uma única palavra. Várias vezes fui chamado à parte por professores que queriam que apresentasse e não entendiam o porquê de eu não conseguir apresentar nada em público. A mais marcante foi

um professor chegar ao fim da apresentação de um trabalho de grupo em [que] não [consegui] apresentar rigorosamente nada e dizer «*Foi o Carlos que fez este trabalho todo e não tenho dúvidas nenhuma disso. O Carlos sabia este trabalho na ponta da língua, dizia-o sem olhar sequer para a apresentação. Porque não apresentou?*» Nesse dia senti-me revoltado comigo mesmo! Porque tudo o que ele disse era verdade e senti-me frustrado e angustiado [...]! [...]. Posteriormente veio a tese, estudei um mês para fazer uma apresentação de 10 minutos e os nervos, a ansiedade, a vontade de querer fazer bem e sem gaguejar eram tão grandes que não consegui dizer [sequer] o título na defesa final. Considerei até hoje o maior falhanço da minha vida. Não por ser gago, mas por querer tanto fazer bem, querer mostrar que sabia e não conseguir falar nada. Irritou-me muito e nesse dia queria desaparecer! [...]. A minha tese foi apresentada [como] póster num congresso e [...] foi eleita um dos 5 melhores trabalhos [...]. Contudo, tinha de apresentar o trabalho para uma plateia e recusei, porque não conseguiria enfrentar o público e iria gaguejar como tudo. Arrependo-me muito hoje porque seria uma mais-valia no meu CV. (Carlos Antunes, fórum *online*)

Este testemunho relata a experiência da gaguez em toda a sua complexidade, na relação da pessoa com um fenómeno total e holístico que ocorre em contexto, nas mais variadas situações comunicativas, sociais e institucionais, intersetando dimensões sociais, fisiológicas e psicológicas, com implicações na construção identitária e biográfica das pessoas. A constituição de uma narrativa e vivência “gagocêntrica” ganha assim expressão através deste relato. Nele, confirma-se a permanente tensão na relação das Pessoas que Gaguejam com a *praxis* comunicativa e todo o seu envolvimento com o mundo social. É-se inserido num relato pormenorizado que acompanha o antes, durante e depois dos momentos de gaguez. A tensão que antecede a palavra pelo receio de gaguejar e da desacreditação social motivada pela memória acumulada da experiência do gaguejar e das reações desajustadas dos interlocutores, visível pela

referência aos “risos, as bocas”, que podem, de facto, não ocorrer, mas que a pessoa antecipa e teme. A “ansiedade extrema” daí resultante, corporizada em “suores frios” e “tremores”, que se acumula à medida que se aproxima a vez de falar, devido a uma certeza autoprofética de que se vai “gaguejar como tudo”, uma antecipação da gaguez com impacto no resultado final. Depois, durante o momento comunicativo, o esforço físico de um corpo e um sujeito já em tensão absoluta, o “entrar em total pânico” chegado o momento, e o não conseguir dizer “uma única palavra”, mostrando uma incapacidade em gerir a gaguez no ato de fala e, por conseguinte, de gerir a situação comunicativa e o seu desempenho social nela, representando assim a destituição da pessoa da sua capacidade de se inscrever no mundo social pelo diálogo e interação com os outros. Este é o momento em que o medo da desacreditação pela gaguez conduz à sua efetiva desacreditação. E esta constituirá talvez a derradeira experiência da gaguez enquanto estigma. O medo de gaguejar que conduz à incapacidade de falar, não tanto devido à incapacidade fisiológica e funcional, embora nos casos mais graves de gaguez isto possa de facto ocorrer, mas devido aos comportamentos de evitamento e fuga por medo de não se ser capaz de manter a situação comunicativa e a tarefa discursiva que lhe estava atribuída.

Por último, a frustração existencial que resulta da omissão da palavra. A omissão da palavra que constitui a omissão da pessoa. Neste sentido, a frustração da não inscrição no social acaba por ser maior que qualquer frustração resultante de hipotéticos episódios de gaguez. Segundo o relato, e apesar da qualidade da tese atestar as competências da pessoa, o medo de gaguejar e a hipervigilância discursiva que se impôs criaram-lhe uma verdadeira incapacidade de apresentar a tese no espaço e palco que consagrariam e reconheceriam publicamente essas competências, acabaram por pô-la em causa. Desta frustração renascem a tensão e o conflito interior pelo não cumprir da pessoa naquilo que reconhece como sendo o seu projeto identitário e social, um *devoir* que surge suspenso e incompleto, adiado pela seu recuo e recusa em participar pelo medo da desacreditação, que assim se autorrealiza. «Nesse dia senti-me revoltado comigo mesmo! Porque tudo o que ele disse era verdade e senti-me frustrado e angustiado! [...]. Nesse dia queria desaparecer!» A constatação pelo entrevistado de que foi sua a opção de recuo confirma a dimensão

estigmatizante da gaguez. É o comportamento de gestão da apresentação da pessoa na comunicação, ao procurar ocultar a gaguez, que cria o verdadeiro problema: a sua própria invisibilização enquanto pessoa por não se conseguir inscrever no social. A constatação pelo próprio do recuo como opção sua, enquanto desistência de si enquanto ator social, gera na pessoa a experiência da frustração e angústia existencial, fruto de uma vivência gagocêntrica, uma narrativa saturada da gaguez.

Finalmente, outra questão suscitada pelo excerto é o desconhecimento, pelos interlocutores, das dimensões psicológicas e de sofrimento invisível que quem gagueja experiencia. A experiência da gaguez conforme é vivenciada pelas pessoas com gaguez é invisível para os interlocutores. O professor que não compreende a dificuldade do aluno em apresentar oralmente os trabalhos é um exemplo, e que indicia o porquê de muitas das dificuldades de interlocutores, individuais e institucionais, em aceder à experiência de quem gagueja e, conseqüentemente, em mobilizar respostas adequadas facilitadoras da comunicação e inclusivas das Pessoas com Gaguez. Por outro lado, o desconhecimento e a invisibilidade acabam por ser fatores acrescidos de constrangimento para quem gagueja, pois constata que há uma parte do que sente e vive que não é efetivamente acessível aos outros, sentindo-se “desamparado”, chegando a colocar em causa a veracidade do que sente. A gaguez, nesta componente invisível de sofrimento, revela uma existência difusa, uma entidade fantasma, pairando sobre a pessoa que permanece, também ela, entre mundos, sem nunca se conseguir confirmar plenamente pela construção intersubjetiva que o diálogo com o mundo e os outros propicia. Para a Pessoa com Gaguez, esta é a confirmação da sua condição de Outro Subalternizado, a dupla confirmação da sua incapacidade de se realizar como humano entre humanos: não consegue expressar-se como pessoa nem consegue expressar aos outros o sofrimento, os desafios e os transtornos invisíveis que isso lhe causa. A total dimensão do sofrimento e da tensão resultante das batalhas interiores vivenciadas pela pessoa com gaguez não transparece para os demais. E, não transparecendo para os seus interlocutores, não permite obter deles uma resposta que lhe confirme o que sente, ficando a dúvida da sua efetiva existência. Tal remete-nos para o início da nossa discussão sobre a experiência da gaguez enquanto

problema individual, vivido em solidão e promovendo o isolamento das pessoas e a incapacidade destas em colocá-lo no espaço público enquanto problema que as mobiliza não apenas a elas, mas que envolve igualmente uma resposta adequada da sociedade. Neste sentido, a impossibilidade da sua expressão no espaço público encerra o ciclo que constitui a gaguez numa entidade opressora, difusa, anuladora e destruidora da pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, relata-se a experiência invisível da gaguez, que se revelou uma entidade com existência difusa que resvala para uma multiplicidade de esferas e dimensões da vida da Pessoa que Gagueja. Procurou-se explorar estas distintas dimensões da experiência da gaguez. Foi dada atenção à sua constituição enquanto *impairment*, enquanto dificuldade física em falar, procurando mostrar com detalhe como a experiência incorporada da gaguez vai sendo construída socialmente e trespassada por relações sociais de poder que a transformam, lhe conferem sentidos negativos marcados pela opressão e estigma social. Relatou-se como esta incorporação marca negativamente a apresentação quotidiana da pessoa nos seus atos comunicativos, e como daí marca a sua capacidade de se inscrever no mundo social, a realização identitária da pessoa, a construção do seu projeto de vida e a escrita da sua narrativa autobiográfica, marcada por uma vivência “gagocêntrica”.

Os relatos aqui partilhados revelaram como a gaguez afeta a pessoa, desde a sua capacidade fisiológica de falar em diferentes contextos ao modo como a pessoa experiencia o seu corpo no momento da gaguez, como sente e vive a gaguez, até à capacidade do indivíduo-ator desempenhar os diferentes papéis sociais que o definem socialmente, afetando a sua capacidade de participação social e, desse modo, confirmando a sua condição de subalternidade e marginalização social. Fazendo uso das propostas de Erving Goffman, refletiu-se sobre a forma como esta dificuldade de inscrição no social resulta do modo como quem gagueja faz a gestão quotidiana do seu *Self*. A Pessoa com Gaguez, com receio da desacreditação social que ela lhe provoca, acaba por recuar nos seus desempenhos sociais no quotidiano (já comprometidos, muitas vezes, pela gaguez física, quando grave, e na fala, mas também pelos comportamento secundários) devido

ao seu receio em gaguejar, remetendo-se ao silêncio, ou a desempenhos tímidos, muito restringidos e autocontidos e aquém do que poderia realizar. A sua desacreditação ocorre quer pela gaguez fisiológica, quando grave, mas, também de importância maior, pelo recuo na interação social, pela excessiva restrição ou pelo recuo no desempenho dos distintos papéis sociais que lhe estão atribuídos, colocando-a assim em causa como projeto existencial que se inscreve no mundo social precisamente através do desempenho dos seus papéis sociais.

Pôde igualmente acompanhar-se a emergência de uma angústia existencial associada à gaguez. Foi possível seguir como a consciência pela pessoa deste recuo quotidiano na sua inscrição no mundo social implica negar a realização de um projeto existencial e de vida. A angústia emerge pela constatação pela pessoa de que este sai gorado pelas escolhas quotidianas que a própria faz perante um problema que não consegue solucionar, com que se confronta diariamente de forma obsessiva e policial, mas que nunca consegue vencer. O seu sofrimento na gaguez é alimentado pela percepção de que escolhe recuar perante os vários momentos comunicativos que a realizariam como pessoa. O sofrimento nasce da constatação da sua desistência perante uma luta que sente no corpo, na mente, na relação consigo e com os demais, um problema que não compreende e que a domina de forma tirânica e opressora. Pode, assim, compreender-se como as estruturas de opressão social na gaguez se produzem em cada ato comunicativo e como as pessoas com gaguez as interiorizaram nos seus processos psicológicos e incorporaram nos seus corpos, revelando a total extensão dos impactos que produz na vida das pessoas. Procurou-se, assim, dar conta de como as estruturas de opressão social se fazem sentir nos quadros de interação social das pessoas, e assim tornar visível como é no quotidiano comunicativo da pessoa com gaguez que a violência da opressão se faz sentir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barnes, Collin; Mercer, Geof (2010), *Disability*. Cambridge: Polity Press.
- Botterill, Willie (2011), "Developing the Therapeutic Relationship: from 'expert' Professional to 'expert' Person who Stutters", *Journal of Fluency Disorders*, 36(3), 158-173. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfludis.2011.02.002>.

- Boyle, Michael (2013), “Psychological Characteristics and Perceptions of Stuttering of Adults who Stutter with and without Support Group Experience”, *Journal of Fluency Disorders*, 38(4), 368–381. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfludis.2013.09.001>.
- Costa, Daniel Neves (2017), “O Touro que nos Puseram na Arena. Ou: O Desdobrar das Fronteiras nos Interstícios da Palavra – Gaguez, Ciência e Comunidades de Responsabilidades”. Tese de Doutoramento em Governança, Conhecimento e Inovação, Faculdade de Economia, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Consultado a 28.12.2022, em <http://hdl.handle.net/10316/36699>.
- Decreto Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. *Diário da República* n.º 129/2012 – I Série. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência. Consultado a 28.12.2022, em <https://dre.pt/dre/detalhe/decreto-lei/139-2012-178548>.
- Goffman, Erving (1975), *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Goffman, Erving (1993), *A Apresentação do Eu na Vida de Todos os Dias*. Lisboa: Relógio D'Água [ed. orig.: 1959].
- Jackson, Eric; Quesal, Robert; Yaruss, Scott (2012), “What is Stuttering: Revisited”, comunicação apresentada na ISAD 2012. Consultado a 28.12.2022, em <http://www.mnsu.edu/comdis/isad16/papers/jackson16.html>.
- Logan, Kenneth J.; O'Connor, Elizabeth (2012), “Factors Affecting Occupational Advice for Speakers who do and do not Stutter”, *Journal of Fluency Disorders*, 37(1), 25–41. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfludis.2011.11.005>.
- Perkins, William (1990), “What is Stuttering?”, *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 55, 370–382. DOI: <https://doi.org/10.1044/jshd.5503.370>.
- Sheehan, Joseph G. (1953), “Theory and Treatment of Stuttering as an Approach-Avoidance Conflict”, *Journal of Psychology*, 36, 27–49. DOI: <https://doi.org/10.1080/00223980.1953.9712875>.
- Wittgenstein, Ludwig (2015), *Tratado Lógico-Filosófico – Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian [ed. orig.: 1922].
- Yaruss, Scott; Quesal, Robert (2004), “Stuttering and the International Classification of Functioning, Disability and Health (CIF): An update”, *Journal of Communication Disorders*, 37(1), 35–52. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0021-9924\(03\)00052-2](https://doi.org/10.1016/S0021-9924(03)00052-2).